

A prevalência do destacamento: da potencialidade do conceito de Maingueneau para compreender os dispositivos da comunicação contemporânea

Érika de Moraes ¹

Resumo:

Este artigo, de natureza ensaística e analítica, se situa na perspectiva da Análise do Discurso de base enunciativa, conforme desenvolvida por Dominique Maingueneau, e objetiva defender a potencialidade do conceito de destacamento. Para tanto, propõe demonstrar que as reflexões do autor sobre o destacamento impactam fortemente a discursividade, especialmente ao se considerar as características da comunicação contemporânea, expostas a partir de estudiosos do campo, como Recuero, Han, Felice, Cray entre outros. Para uma análise ilustrativa, o trabalho estabelece uma relação entre o destacamento e o meme, investigando implicações de destacamentos que favorecem a expansão de memes, ao superarem a polarização entre os chamados *clusters* (ou conjuntos de redes interligadas). Em conclusão, é demonstrado que a força potente dos destacamentos produz efeitos de sentido que afetam diretamente a relação com a memória discursiva. Assim, é possível tanto comprovar a importância das propostas de Maingueneau para o estudo de destacamento quanto, a partir do autor, vislumbrar novas camadas a serem exploradas, como o potencial do estudo do funcionamento do discurso midiático contemporâneo a partir de uma sintaxe do destacamento.

Palavras-chave: Destacamento; Discursividade; Comunicação; Meme; Sintaxe do Destacamento.

The prevalence of detachment: the potential of Maingueneau concept to understand contemporary communication devices

Abstract:

This essayistic and analytical article, based on the perspective of enunciative French discourse analysis, as developed by Dominique Maingueneau, aims to defend the potential of the concept of detachment. To this end, it proposes to demonstrate that the author's reflections on detachment strongly impact discursivity, especially when considering the characteristics of contemporary communication, as expounded by scholars (researchers) in the field such as Recuero, Han, Felice, Cray, and others. For an illustrative analysis, the article establishes a relationship between detachment and meme, investigating the implications of detachments that favor the expansion of memes by overcoming the polarization between so-called clusters (or sets of interconnected networks). In conclusion, it demonstrates that the powerful force of detachments produces effects of meaning that directly affect the relationship with discursive memory. Thus, it is possible both to prove the importance of Maingueneau's proposals for the study of detachment and, based on the author, to glimpse new layers to be explored, such as the potential of studying the functioning of contemporary media discourse based on a syntax of detachment.

Keywords: Detachment; Discursivity; Communication; Meme; Detachment Syntax

¹ Doutora em Linguística pela UNICAMP, com pós-doutoramento pela Université Paris-Sorbonne, com supervisão do professor Dominique Maingueneau. Docente na Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Câmpus de Bauru; credenciada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do IBILCE-UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-6571-397> E-mail: erika.moraes@unesp.br

1. Introdução

Este artigo se situa na perspectiva da Análise do Discurso de base enunciativa, particularmente conforme desenvolvida por Dominique Maingueneau, no intuito de demonstrar que as reflexões do autor sobre destacabilidade (a propriedade de autonomização dos enunciados) e destacamento (o efeito do ato de um terceiro - o destacador - que inscreve o enunciado em um novo regime) impactam fortemente a discursividade, sobretudo se consideradas as características da comunicação contemporânea.

Mais do que um simples aspecto do funcionamento do discurso ou estratégia enunciativa, o destacamento adquire o estatuto de válvula propulsora da memória discursiva, uma vez que enunciados em destaque, em maior ou menor grau, concorrem uns com os outros e, assim, mobilizam disputas de sentidos no cenário contemporâneo.

Ao ponderarmos as características da nossa sociedade, pautada pelo excesso de informação, comumente distribuída em nichos polarizados, bem como pela digitalização, algoritmização e, mais recentemente, pelo desenvolvimento da Inteligência Artificial, torna-se legítimo defender que a potência do destacamento ultrapassa seu *status* de paratexto ou elemento de edição, mas torna-se mesmo o “ponto nodal de processamento de memória discursiva” (Moraes, 2020, p. 1554).

Para desenvolver a argumentação, este artigo apresentará, na seção 2, uma reflexão geral sobre a comunicação na atualidade. A seção 3 tratará do conceito de destacamento segundo Dominique Maingueneau para, então, na seção 4, propor uma abordagem complementar sobre seu funcionamento, analisando o exemplo do meme, por meio de um caso específico de acontecimento midiático. Este percurso levará às considerações finais expostas na seção 5.

2. Uma reflexão sobre a comunicação na era digital

A comunicação sofreu grandes mudanças nas últimas décadas, convergindo para a digitalização e as sociedades em redes, o que leva a uma crença quase generalizada na impossibilidade de outros modelos de organização social (Crary, 2023). O impulso para a comunicação não é uma realidade nova, já que, desde os tempos mais remotos, o ser humano buscou registrar o seu “legado”, nos desenhos pintados nas cavernas, passando por hieróglifos e pergaminhos, chegando aos textos impressos em grandes escalas com a invenção da prensa de Gutenberg e, mais recentemente, desmaterializando-se nas plataformas digitais.

Embora uma forma de comunicação não anule a outra, as pressões sociais fazem parecer que os formatos mais recentes coincidem com um estado evolutivo superior, sendo pouco notados os rastros de como o novo se comunica com o anterior (a nota de rodapé é um hipertexto no livro, por exemplo) (Briggs; Burke, 2006; Sodré, 1966; Romancini; Lago, 2007).

Não é sem algum questionamento ou resistência, porém, que a sociedade digital se configura. Crary (2023) alerta para o estado de “terra arrasada” do modelo vigente, enquanto Wolf (2019) aponta os prejuízos causados no cérebro leitor pela leitura fragmentada e pouco imersiva. Salgado (2021) retoma a ilusão construída pela suavidade das metáforas: as coisas estão nas nuvens, não ocupam espaço e não poluem, apagando-se, no nível do discurso, a existência de *datas centers* que são grandes consumidores de energia, o que em muito se intensifica com o desenvolvimento exponencial das inteligências artificiais.

Apesar do foco majoritário no desenvolvimento pleno da digitalização do mundo, conforme um modelo Ocidental mais associado ao Norte Global, seus excessos já apresentam sinais de esgotamento, sobretudo em relação à exigência de presença constante nas mídias sociais, vindo à tona a “sociedade do cansaço” (Han, 2024), pautada no desempenho, ambiente no qual todos querem mostrar suas habilidades pela internet e vender fórmulas de sucesso a quem as compre, motivado em revendê-las.

Ao mesmo tempo em que os sinais de esgotamento são percebidos, convivem, no entanto, com as forças constitutivas da sociedade do consumo digital, quando tudo é pautado para receber cliques, gerar métricas e indicar uma suposta visibilidade (que não é necessariamente qualitativa). Desse modo, os textos são moldados para captar a atenção do “caçador de informação” (Han, 2018), levado à impaciência e ao consequente esgotamento. Pelo olhar dessa sociedade do desempenho, Han (2024) descreve a patologia do século XXI como nem bacteriológica nem viral, mas neuronal, quando se ressaltam doenças como a depressão, o transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), a síndrome de burnout. A cura é buscada no fármaco, que promete resultados de um modo mais compatível aos valores da sociedade (rapidez e praticidade) do que a terapia pela fala proposta pela psicanálise. No paradigma contemporâneo, é preciso curar-se rapidamente para continuar lidando com o excesso.

Também Sibília e Galindo (2021) corroboram os aspectos extenuantes da vida digital, que se intensificam na relação com os modos de vivenciar a temporalidade, permeados pela ansiedade decorrente do conflito entre os estímulos constantes e a persistência das limitações, sobretudo temporais. O excesso de informação não é sinônimo de qualidade e, cada vez mais, o combate à desinformação torna-se um dos grandes desafios da sociedade contemporânea.

Em contrapartida, o cenário faz emergir abordagens proativas e de resistência, como é o caso da *media literacy*, entendida como o desenvolvimento de habilidades de acessar, analisar, criar, refletir e atuar para compreender a operacionalização da comunicação em cenários distintos (Trindade, 2025), já que o exercício democrático depende da existência de usuários de mídia informados de modo crítico, cidadãos engajados, socialmente participativos, capacitados e criativos (Buckingham, 2022; Trindade, 2025).

No campo da *media literacy*, é apresentado o argumento de que o enfrentamento da desinformação requer a disseminação de informações de qualidade. Além disso, defende a necessidade de políticas públicas robustas, capazes de promover a transparência das plataformas digitais, a proteção dos dados pessoais e o combate a comportamentos maliciosos nas redes sociais, mesmo que se reconheça a impossibilidade de uma legislação plenamente capaz de combater a desinformação, que encontraria pontos de escape nas redes de hiperconectividade (Trindade, 2025).

Sejam as abordagens otimistas ou não, prevalece o entendimento de que a sociedade digital está dada e, ao contrário de negá-la, é necessário promover o conhecimento crítico sobre ela. E, sem dúvida, os formatos de comunicação digital potencializaram o papel do destaque, no sentido de Maingueneau, devendo-se reconhecer o potencial dos efeitos de seu funcionamento. Para fins de análise prática, do ponto de vista visual, pode-se pensar em recursos tipograficamente realçados (títulos, subtítulos, legendas), acrescentando-se a influência dos algoritmos sobre aquilo que é visto ou visível. Ou seja, se o destaque pode ser promovido por um certo “controle” dos produtores de conteúdo midiático (em maior ou menor medida), hoje o efeito do algoritmo é que potencializa a sua visibilidade.

Uma grande parte do que circula atualmente é moldada por aspectos advindos de um lugar “da tela pra lá” (Salgado, 2021), onde o que há são “lógicas informacionais que nos escapam, com seus algoritmos opacos, sobre os quais não há ainda regulação específica” (Salgado, 2021, p. 19). A autora assume que a assimetria estabelecida por esses novos aparelhos ideológicos ainda é desconhecida e pouco tangível, representando um desafio para as ciências em estudo.

A atuação do algoritmo faz questionar a própria concepção antropocêntrica da história ocidental, já que o ser humano, além de não se ver isolado frente ao mundo circundante, do qual depende dos recursos, é também afetado pelo protagonismo do inorgânico, inclusive da robótica. Além de repensar a própria ideia da comunicação, a sociedade se vê diante de uma ecologia planetária inédita (Felice, 2021, p. 35), o que leva Felice a defender a superação do modelo antropocêntrico e a ampliação da noção de cidadania também para o não humano.

Paveau (2021) defende a pertinência de uma Análise do Discurso Digital (ADD) para dar conta dos estudos do discurso nessa tecno-sociedade. Uma reflexão que se pode fazer é que já havia o técnico antes do tecnodiscurso (Salgado, 2021). Embora se reconheça o termo ADD já sedimentado como uma espécie de ruptura necessária, a fim de explicitar uma nova epistemologia não considerada pela Análise do Discurso (AD) em seu surgimento, pode-se postular que, num mundo confundido com a própria digitalidade, quando a própria ideia do robô cidadão se torna concebível, AD e ADD tornam-se uma só episteme possível, já que todo o real e imaginário contemporâneo circulam pela web – enquanto potencializam funcionamentos que promoveram o próprio desenvolvimento da web, numa relação de reciprocidade.

Recuero (2020) demonstra que as redes de conectividade digitais podem ser estudadas a partir de fundamentação relacionada ao funcionamento de redes pré-digitais. A autora apresenta a teoria de Granovetter (1973, p. 1.361 apud Recuero, 2020, p. 41) sobre laços fortes e fracos nas redes. Enquanto os laços fortes se caracterizam por mais intimidade e qualidade na conexão entre as pessoas, os laços fracos representam relações mais esparsas e distantes. Porém, como demonstram os autores, esses laços fracos também são impulsionadores das redes sociais, conectando os chamados *clusters* (ou conjuntos de redes interligadas), e, para nossos propósitos, interessa pensar que são justamente esses laços que impulsionam o destaque, afinal, os laços mantidos entre pessoas distantes fazem a comunicação ganhar escala, alimentando a interconexão da rede e fazendo com que as informações atinjam diferentes pontos.

As redes sociais são sempre dinâmicas e dependentes de interações, as quais são responsáveis pela manutenção (ou não) dos temas de destaques, sendo que a manutenção pode se

dar pela expansão de memes, como será tratado na seção 4. O termo “meme” foi originalmente empregado pelo biólogo britânico Richard Dawkins em 1976 para designar elementos replicadores de comportamentos, sendo retomado por estudiosos das redes de comunicação, como é o caso de Recuero (2020).

No campo da comunicação, considera-se que a “criatividade” compartilhada entre usuários da rede expande o sucesso do meme. Pode-se entender, portanto, que essa expansão também se relacione a um campo amplificado na rede de discursividades. Apesar da circulação informal dos memes, veículos de comunicação tradicionais, como os jornais, além de influenciadores, podem funcionar como conectores (Barabási e Albert, 1999 apud Recuero, 2020), responsáveis pelo espalhamento das informações em um determinado grupo. Quanto mais conectores, mais grupos conectam uma mesma informação. Para os teóricos das redes, a “clusterização (entendida como o processo através do qual as comunidades apareceriam) tende a produzir agrupamentos de nós muito mais densos do que o restante das redes” (Recuero, 2020, p, 86).

É possível, a partir de algum deslocamento teórico, estabelecer uma relação entre o destacamento e o meme, ao entender que há destacamentos que favorecem a expansão de memes, ao superarem a polarização entre *clusters*, fazendo com que certos assuntos ganhem visibilidade mais ou menos universal. A próxima seção (3) tratará do conceito de destacamento para, na sequência, refletir sobre seu funcionamento num exemplo específico de meme.

3. Um percurso sobre o destacamento

3.1 Historicidade do conceito

Em capítulo intitulado “Citação e Destacabilidade”, Maingueneau (2006) apresentou essas duas noções de forma entrelaçada, com especial atenção aos procedimentos mobilizados pelos aparelhos midiáticos para citar elementos, de forma a ressaltá-los, defendendo que há enunciados que já “nascem” com a propensão da destacabilidade. Trata-se de um “nascimento” em sentido discursivo, ou seja, os enunciados que vêm à tona de forma destacada não são (inteiramente) inaugurais: ao mesmo tempo, retomam e antecedem um discurso. Porém, quando emergem, é como se fossem movidos por uma força propulsora que os fazem ressaltar, podendo mover-se como fórmula autônoma, memorável e memorizável.

O *modus operandi* do jornalismo é dependente da citação, seja por adequação à encenação jornalística – que inclui a existência de elementos tipograficamente realçados como títulos e legendas – seja pelo efeito de credibilidade, que inclui a necessidade de citar dados e fontes. Isso faz com que certos elementos da enunciação jornalística ganhem mais destaque do que outros, uma característica maximizada com a potencialidade da comunicação digital, que amplia a destacabilidade (a propriedade de autonomização dos enunciados) por mecanismos de destacamento (pelo ato de um terceiro - o destacador) relacionados à navegação via hipertexto.

Maingueneau descreve a existência de destacamento forte e destacamento fraco. No primeiro caso, o enunciado destacado tem mais distanciamento do texto-fonte, enquanto, no segundo, está a serviço da edição ícono-textual, uma vez diretamente recuperável no texto do qual origina. A obra *Frases sem texto* (Maingueneau, 2014) avançou o estudo das pequenas frases (ou enunciados verbais curtos), demonstrando a complexidade dos processos que vão da destacabilidade ao destacamento; do destacamento à aforização – esta última entendida, em linhas gerais, como o processo de extrair um pequeno fragmento de texto - verbal ou visual - de seu contexto de origem e fazê-lo circular de forma independente. Por meio desse processo, a aforização, além de condensar um discurso, consolida visões de mundo, pois carrega a “expressão de uma convicção” (Maingueneau, 2014, p. 28).

Se, mais recentemente, Maingueneau trata do que chama de “enunciados aderentes”², talvez já se pudesse tomar o termo emprestado para dizer que certos enunciados, ao ressaltarem de seus (con)textos, aderem na memória discursiva. Compreendemos que, ao afirmar que um enunciado tem o potencial de desgrudar de seu texto e se fixar na memória, um contra-argumento crítico poderia ser o de que tal afirmação poderia transmitir a sensação de que a memória represente “pontos palpáveis” do discurso. Com uma visão discursiva mobilizada, a existência desses pontos não passa, no entanto, de “ilusão necessária”, em alusão à expressão de Authier-Revuz (1982/1990). A nosso ver, é mérito de Maingueneau tornar o funcionamento impalpável do discurso um pouco mais visível a partir da mobilização de conceitos e, no caso específico que procuramos demonstrar, por meio do estudo do destacamento, o que o autor faz essencialmente pela análise de enunciados verbais. O destacamento mantém relação de tensão com seu “texto de origem” porque, a um só tempo, contém efeito de completude e denuncia a sua própria falta.

Essa relação tensa da frase (que salta) com o seu exterior (Possenti, 2014) é constitutiva dos processos de comunicação, como percebeu Maingueneau. Tal relevância nos levou a defender que, assim como é fundamental o primado do interdiscurso (Maingueneau, 2005), a era da informação predominantemente digital leva à proposta conceitual de uma prevalência do destacamento, que ganha contornos a partir de uma sintaxe muito específica (Moraes, 2020). Ainda que atribuir tal relevância ao papel do destacamento possa ser considerado uma abordagem extrema, propõe-se chamar a atenção para o papel fundamental desse funcionamento, relacionado ao que Maingueneau tem associado a um regime digital.

3.2 Destacamento e memória

Quando propusemos notar “uma relação de simbiose entre os processos de destacamento e a produção/fixação/circulação de memória discursiva” (Moraes, 2020, p. 1554) entendemos que havia a necessidade de explicitar a natureza (de certo modo metafórica) da inter-relação proposta. Para

Para Maingueneau, os enunciados aderentes são “enunciados escritos, contíguos a um suporte não verbal ao qual são integrados” (2025, p. 209). O autor completa que esse suporte é mais comumente um objeto (uma mesa, uma embalagem, uma pintura), mas também pode ser um ser humano. Não é desse tipo de enunciado que tratamos neste artigo, apenas vislumbramos uma proximidade com a ideia de aderência.

...tentar evitar uma incompreensão, buscamos esclarecer que os elementos destacados não coincidem exatamente com “a memória discursiva”, já que esta se constitui, segundo Pêcheux (1983/1999, p. 50), “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Pêcheux acrescentava ainda que a memória discursiva, “face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’” (p. 52), dando contorno a respeito do que seriam os implícitos: “mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.”.

Nota-se, assim, que a teoria discursiva sempre conviveu com a tensão em buscar demonstrar a abstração da interdiscursividade a partir de elementos de sua materialidade, passíveis de alguma apreensão concreta, sem que, com isso, coincidam estritamente com a interdiscursividade. Como afirma Maingueneau, embora analistas estudem discursos e não textos, é nos textos que se torna possível apreender o discurso (Maingueneau, 2005).

Embora a memória, em sentido discursivo, não corresponda a “pontos fixos”, haveria “pontos de tensão, de relação, de negociação com a rede de memória preexistente e mesmo a futura” (Moraes, 2020, p. 1555). Assim, é possível dar alguma concretude à abstração da memória: não é por acaso que, de tempos em tempos, é ressaltada a importância de manter viva a “memória”, em sentido histórico, social, sobre temas dolorosos para a humanidade, como o Holocausto, a Escravidão, a tortura nas ditaduras. Convive-se com a tensão da dor por aquilo que melhor seria “esquecido” e a necessidade de lembrar, para que se busque não repetir (e não há garantias eternas, por mais que se estabeleçam barreiras como a da proteção aos direitos humanos). Emergem diferentes sentidos de “memória” (discursivo, histórico, social, político, psíquico...) e, mais do que criar delimitações precisas entre eles, o olhar discursivo pode buscar apreender os seus entrelaçamentos.

Aqui, “esquecer” e “lembrar” adquirem, novamente, um movimento de tensão, já que a memória discursiva não coincide com o ato cognitivo de “rememorar”. Mais uma vez, assumindo os riscos que se corre, defendemos que é necessário “lembrar”, também (e não só), em sentido cognitivo para que os acontecimentos sejam presentes como memória (em sentido mais amplo). Pode-se pensar, por exemplo, na possibilidade de “esquecimento” de toda uma geração sobre determinado tema que não tenha sido comentado, ensinado ou de qualquer outra forma transmitido e atravessado camadas geracionais.

A respeito de possíveis inter-relações, Mussalim (2018) defendeu a produtividade do conceito de dispositivo comunicacional (Maingueneau) para refinar a compreensão da cognição distribuída, conectando-a a uma questão fundamental para a AD, a das anterioridades, especificamente, “a problemática dos discursos enunciados e sentidos produzidos numa espacialidade e/ou temporalidade anterior à produção de um discurso em questão” (Mussalim, 2018, p. 402). Tal problemática emerge em conceitos (fundadores) como os de *memória discursiva*, *interdiscurso*, *pré-construído* ou ainda, mais recentemente, no que Paveau (2013) denominou de *pré-discursos*.

Para a teoria discursiva, a questão das anterioridades é inevitável, já que toda a conceituação da interdiscursividade se embasa no princípio de que enunciados já foram formulados antes, alhures, em alguma parte... e são sempre retomados, em gestos contínuos que (re)inauguram e repetem. Conforme Foucault (2001), são raríssimas as novas discursividades, a exemplo das elaboradas por

Marx e Freud. Ao mesmo tempo, se quase tudo é uma retomada, é também recriação (Mussalim, 2018, p. 403). Na leitura de Mussalim, também o postulado de Maingueneau (2005) sobre o primado do interdiscurso configura, de certa perspectiva, o interdiscurso como uma anterioridade. Tais reflexões, acrescidas também pelo conceito de pré-discursos de Paveau, levaram Mussalim a interessar-se pela potencialidade da natureza e da dimensão da *competência discursiva*, categoria também definida por Maingueneau (2005), sugerindo que tal categoria pudesse contemplar, minimamente, “aspectos de duas naturezas: ideológica e cognitiva” (Mussalim, 2018, p. 406).

A noção de cognição distribuída de que trata Mussalim (que a retoma a partir de Flor; Hutchins, 1991) permite pensar de forma sistêmica, e não apenas individual, no aspecto cognitivo da memória. De certo modo, o “conhecimento nas mentes dos indivíduos” (Flor; Hutchins, 1991 apud Mussalim 2018, p. 407) interfere na memória que é social, coletiva, histórica. Conhecimento que se perde não pode ser memorável.

Ainda como uma postura conciliatória de concepções de memória, Valério e Milano (2019) estudaram a singularidade da memória na enunciação de sujeitos idosos, compreendendo-a como “uma reinauguração de algo vivido, o que contradiz a visão do senso comum acerca da recorrência à repetição nas narrativas de alguém que envelhece” (Valério e Milano, 2019, p. 1). Assim, demonstram que a memória potencializa experiência, atribui novos significados, ressaltando “o poder que uma vivência tem de continuar produzindo efeitos” (Garcia Rosa, 1991, p. 36 apud Valério e Milano, 2019, p. 8), podendo remeter a um desejo, inconsciente, de reviver uma experiência. A reflexão das autoras sobre a memória como iminência do lugar de fala do sujeito e resistência em perpetuar o tempo pode ser, ao menos em parte, integrada a uma concepção de memória discursiva, que é também persistência/resistência sobre um tempo e um discurso.

De nossa parte, assim propusemos uma relação entre destacamento e memória, vislumbrada metaforicamente:

como uma figura onde cada ponto seja um elemento de destaque. Cada sujeito “estabelecerá memória” ao fazer ligações diferentes entre os pontos, ou seja, a memória terá matizes distintos, não significando que seja individual, mas compartilhada entre grupos, sendo que, por sua vez, cada grupo poderá também ter encontros diferentes com outros. Os pontos são infinitos, como estrelas; também são infinitas as relações possíveis, como galáxias que se interconectassem. As ligações têm relação com o posicionamento do sujeito (envolto por ideologia e inconsciente, como pressupõe a Análise do Discurso) e, também, provavelmente, com o “conhecimento nas mentes dos indivíduos” (Mussalim, 2018, p. 407). Vislumbramos, assim, microuniversos de memória. (Moraes, 2020, p. 1557)

As reflexões sobre inter-relações entre destacamento e memória discursiva apontam para o fato de que o primeiro é impulsionador (alimentador) da segunda, numa relação de reciprocidade. O funcionamento do meme é um exemplo interessante para mostrar que a potencialidade do destacamento (como ato enunciativo – verbal ou não verbal – recortado de um contexto mais

amplo) interfere no “acontecimento da memória”. Por sua potencialidade, o recorte que suscita o meme, por hipótese, pode se tratar de uma sobreasseveração, “uma modulação da enunciação que formata um fragmento como candidato à destextualização” (Maingueneau, 2010, p. 11), certamente também impulsionada pelos atos de destacamento.

4. Um modo de dizer da contemporaneidade: a sintaxe do destacamento e um caso de meme

Ao se fazer um recorte de dados (por exemplo, um dia de um veículo jornalístico a partir de seus posts no *Instagram*), é possível perceber elementos que se sobressaem e emergem como acontecimentos de destaque: são mais mostrados pelos algoritmos, mais acessados, mais compartilhados. Os acontecimentos vistos não serão os únicos do dia, mas terão mais potencial de se fixarem como memória, quanto mais forem reiterados. Propomos pensar em fixação de memória em sentido múltiplo (e não estático), como memória discursiva e também como memória cognitiva, daquilo que será lembrado. Em outros termos, como entrecruzamento entre memória individual e coletiva. É nessa perspectiva que se pode defender o potencial do destacamento como propulsor de memória, afetando a configuração do interdiscurso.

Ora, a rede interdiscursiva é, a rigor, inapreensível, ao passo que se busca apreendê-la pelo recorte dos discursos que se apresentam nos textos. Na busca de apreensibilidade em sua inapreensibilidade, pode-se propor vislumbrar que parte dos “pontos” (e conexões) dessa grande rede ficará relegada ao lugar do esquecimento (também compreendido em sentidos múltiplos), enquanto outros serão inevitavelmente consumidos e rememorados. As conexões serão diferentes entre variados setores da sociedade, podendo haver pontos de encontro.

Propomos tratar de um acontecimento inusitado que certamente ganhou aderência na memória social, a saber, um caso de repercussão a partir de imagem divulgada em um projetor no show da banda Coldplay em julho de 2025. Justamente por considerar o atravessamento dos registros digitais no mundo contemporâneo, apresentaremos o caso por meio do texto gerado por Inteligência Artificial, a partir da busca no Google “Caso do Telão Coldplay”³:

O caso do telão do Coldplay refere-se a um incidente em um show da banda em Boston, onde um casal, Andy Byron, CEO da empresa Astronomer, e Kristin Cabot, diretora de RH da mesma empresa, foram flagrados em um momento íntimo pela “câmera do beijo” e exibidos no telão do estádio. O vídeo do momento viralizou, levantando suspeitas de um caso extraconjugal, já que ambos são casados com outras pessoas. O caso ganhou repercussão nas redes sociais e a empresa Astronomer afastou Byron do cargo de CEO e iniciou uma investigação.

³ Uma observação: ao digitar “Caso do Telão”, o nome “Coldplay” foi autocompletado na busca, dada a repercussão do tema. Observe-se também que a mesma busca em dias posteriores resultou em informações similares, porém com diferenças de redação, visto que a informação na web é movente.

Ao clicar em “Mostrar Mais”, a tela do Google apresentou as seguintes informações:

Relembrando o caso:

Flagrante:

Durante um show do Coldplay, a câmera do estádio focou em Andy Byron e Kristin Cabot, que estavam abraçados e pareciam constrangidos ao perceberem que estavam sendo exibidos no telão.

Repercussão:

As imagens foram rapidamente compartilhadas nas redes sociais, com muitos usuários especulando sobre um possível caso extraconjugal.

Consequências:

A empresa Astronomer anunciou o afastamento de Byron do cargo de CEO e a abertura de uma investigação sobre o ocorrido, enquanto Kristin Cabot pediu demissão.

Comentário de Chris Martin:

O vocalista do Coldplay, Chris Martin, chegou a comentar sobre o ocorrido, brincando que o casal parecia "ou estar tendo um caso ou ser muito tímido".

Investigação:

A Astronomer, em comunicado oficial, afirmou estar comprometida com os valores da empresa e que o Conselho de Administração iniciou uma investigação formal sobre o caso.

O incidente gerou debates sobre ética empresarial, responsabilidade corporativa e privacidade em eventos públicos, mostrando como a tecnologia pode expor situações pessoais de maneira rápida e impactante.

(Visão geral criada por IA. Acesso a partir do buscador Google em 29/07/25)

É bastante plausível afirmar que o vídeo que provocou tal repercussão foi acessado por qualquer pessoa que tenha navegado na internet no dia 16 de julho de 2025 ou consecutivos, já que o caso foi divulgado internacionalmente pelas mais diversas mídias, além de ter gerado muitos memes. Assim, a imagem do casal flagrado pela “câmera do beijo” tornou-se um dos grandes temas retomados em redes sociais neste período. Pode-se propor uma adaptação teórica, no sentido de que esse tipo de destaque visual tenha um funcionamento semelhante ao destacamento verbal estudado por Maingueneau, e seja potencializado no regime digital.

O casal aparece sorridente e abraçado (cena 1, Figura 1) e, logo em seguida, a mulher tampa o rosto com as mãos (cena 2, Figura 1) enquanto o homem se abaixa, saindo do ângulo de visão da tela (cena 3). Para mais contexto, citamos abaixo algumas das notícias sobre o caso, acessadas por meio da mesma busca no Google:

NSC Total

<https://www.nsc total.com.br > DC > Entretenimento>

17 de jul. de 2025 — Quem é o casal envolvido em traição exposta por telão em show do Coldplay. Internautas descobriram identidade do casal pouco tempo depois que ...

Por que mulher flagrada com CEO em show do Coldplay ...

Metrópoles

<https://www.metropoles.com > viralizou > por-que-mul...>

há 6 dias — Andy Byron e Kristin Cabot foram flagrados juntos em vídeo que viralizou do show do Coldplay; ambos são casados com outras pessoas.

Escândalo! Após flagrar traição, vocalista do Coldplay ...

Terra

<https://www.terra.com.br > Diversão > Gente>

há 5 dias — Após a enorme polêmica da traição de ex-CEO, vocalista da banda Coldplay decide mudar parte especial do show; entenda o caso.

G1

<https://g1.globo.com > pop-arte > noticia > 2025/07/28>

há 1 dia — Nas redes sociais, a mulher do CEO, Megan Kerrigan, retirou o sobrenome Byron, após o flagra. Casal tem reação inusitada em show do Coldplay e ...

Flagra em show do Coldplay: o que diz a CLT sobre ...

CNN Brasil

<https://www.cnnbrasil.com.br > Brasil>

18 de jul. de 2025 — O homem no vídeo foi identificado como Andy Byron, um CEO, e a mulher como Kristin Cabot, chefe de recursos humanos (HR) da Astronomer. Em seu...

(Acesso a partir do buscador Google em 29/07/25)

Interessa a esta reflexão notar que, muito antes de ser buscado, o caso adquiriu o potencial profundo de chegar às pessoas por meio de navegação espontânea. O assunto teve alta visibilidade, seja por quem acompanhasse um veículo noticioso, seja por meio de compartilhamentos entre usuários da rede. Foge ao escopo deste trabalho discutir a ética do caso em si, embora muitos elementos tenham sido trazidos à tona pelas mídias. Importa entendê-lo como um acontecimento retomado nas redes de conectividade e que, assim, também foi acessado por meio de nossa própria navegação.

Figura 1



Fonte: Reprodução de Mídias Sociais. Capturada em 29/07/2025 a partir do site: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/quem-e-o-casal-envolvido-em-traicao-exposta-por-tela-em-show-do-coldplay>

Independentemente de qualquer julgamento social sobre a conduta dos indivíduos envolvidos, cabe elencar que um único aspecto de suas histórias de vida foi mundialmente escalado, configurando um Ethos Discursivo a partir desta cena de enunciação. Embora o conceito de Maingueneau tenha sido desenvolvido prioritariamente a respeito de textos verbais, demonstrando que estes também possuem tom, caráter e corporalidade, pode-se defender que seu funcionamento também é válido para o destacamento ícono-visual. Como em todos os casos, os efeitos do discurso escapam aos seus “produtores”. Em destacamentos por veículos de comunicação, por exemplo, pode haver certo manejo no trato editorial, capaz de provocar efeitos alinhados a certa “intencionalidade” (considerados os atravessamentos já estabelecidos por uma teoria discursiva). Porém, muitas vezes, os efeitos escapam e, assim, demonstram justamente o que é próprio do funcionamento discursivo, o “algo que fala” a partir do e no discurso, também relacionado ao inconsciente.

A reflexão de Lacan, a partir da teoria de Freud, levou-o a estabelecer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem (Lacan, 1966/2020), tendo em consideração que tanto o inconsciente quanto a linguagem têm algo de formal que os atravessa, ultrapassando a vontade do sujeito, podendo manifestar-se em sonhos, lapsos, atos falhos, sintomas. De certo modo, o destacamento pode emergir (como um *pop-up*) de algo mais profundo, algo que afeta todo um imaginário e/ou inconsciente coletivo. Pode-se propor pensar que as questões que se “destacam” mais intensamente relacionam-se àquelas mais latentes da sociedade, aos temas mais controversos que, de certo modo, tangenciam aspectos de desejo e moralidade. Poderíamos estar diante de um caso em que os julgamentos morais têm a dizer algo do contrário do que dizem, ou seja, sobre repreensões que compreendem desejos (de liberdade etc.): “penso naquilo que sou lá onde não posso pensar” (Lacan, 1966/2020, p. 521). Como retoma Pêcheux, “o pensamento é fundamentalmente inconsciente (“isso [ça] pensa!”), a começar pelo pensamento teórico” (1997, p. 303).

No caso em questão, duas pessoas podem ter “desejado” um momento de diversão em um show, comportando-se como um casal enamorado (conforme expressa a imagem corporal), mas poderia se supor que não tenham desejado (ao menos não conscientemente) a publicidade, uma vez

que ambas eram casadas com outras pessoas. No entanto, o foco da “câmera do beijo” leva o casal à exposição pública, ao que se segue um comportamento inusitado (esconder o rosto, abaixar-se) que intensificou o efeito de visibilidade.

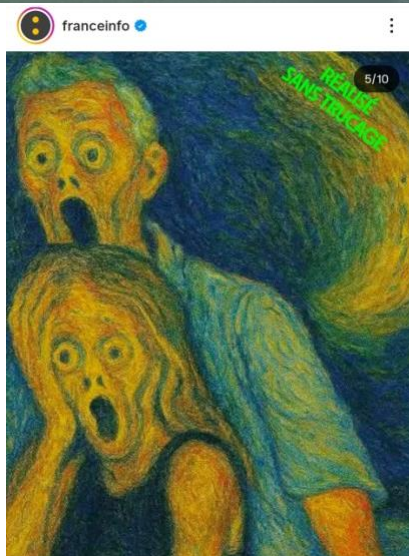
A exposição é maximizada pelos recursos da era digital, especialmente em termos de compartilhamento e agilidade na circulação do acontecimento. Não significa que o caso não poderia ganhar repercussão mesmo de outras formas: ainda que não estivéssemos sob o domínio das redes digitais de informação, poderiam ter sido reconhecidos por outras pessoas no evento; poderiam ainda ter sua imagem transmitida por meios tradicionais como a televisão. De qualquer modo, o *modus operandi* midiático da contemporaneidade faz com que o tema não só receba ampla visibilidade, como seja comentado, compartilhado, julgado, discutido, repercutido intensamente, de todas as formas possíveis.

Pode-se entrever que, após a fama inaugural, a visibilidade torne-se menos efervescente, dando lugar à outra moda (ou *trend*) do momento, como os bebês *reborns* ou os morangos do amor. Não sem deixar rastros e consequências no mundo real: os envolvidos são afetados em suas vidas profissionais e familiares, consequentemente, outros parentes também são afetados. Personalidades que podem ser complexas (Como atuavam em seus empregos? Em suas vidas familiares?) são identificadas ao seu “mau comportamento”, que é atrelado a suas identidades. Não se trata de julgar ou inocentar os indivíduos correspondentes aos sujeitos desse discurso, mas de observar que o acontecimento em torno deles independe deles próprios (ainda que alguns aspectos possam ser determinantes para a visibilidade, como o fato de um deles ser o CEO de uma grande empresa), já que a cena da enunciação coloca em jogo aspectos morais e éticos de nossa sociedade, indicando que o alinhamento (ou não) com valores (mais universais ou entre nichos) é decisivo para o potencial do destacamento.

Enunciados que ferem valores universais (como o respeito aos direitos humanos) ou causam um efeito de inusitado (A exemplo da manchete “Ministro da saúde recomenda sexo contra hipertensão” “Contra pressão alta, façam sexo”, analisada em Moraes, 2014) inauguram-se com o potencial para o destaque. São causa e efeito de si próprios, antes mesmo de emergirem. Serão comentados, retomados. Deixarão rastros reais, e não apenas imateriais ou virtuais. A esse respeito, investigações recentes têm demonstrado como os efeitos da internet podem afetar especialmente os adolescentes, a exemplo do caso demonstrado na série documental “Má influência: o lado sombrio dos *influencers* infantis” (2025), que mostra a exploração infantil por traz do fenômeno midiático “The Squad”, nos Estados Unidos. No campo da ficção, também a série inglesa “Adolescência” (2025) representa a história de um garoto de 13 anos que assassina a colega, motivado por comportamentos incentivados em comunidades online relacionados à misoginia. Embora ficcional, a série retrata a potencialidade do ambiente virtual não somente para proliferar notícias falsas, mas também para influenciar comportamentos devastadores.

Ainda quanto ao caso do telão, e sua potencialidade para o destacamento, os memes que se estruturaram a partir dele são promotores de sua destacabilidade, anunciam e enunciam sua repercussão. Nesse sentido, a “enunciação do telão” instaura um acontecimento que poderá ser retomado indefinidamente, impulsionado pelo seu potencial de destaque, de efeito de humor, de inusitado. Alguns exemplos:

Figura 2



Paródia do Quadro “O Grito” de Edvard Munch. **Fonte:** Reprodução de Mídias Sociais. Capturada em 22/07/2025 na página Instagram de Franceinfo [<https://www.instagram.com/franceinfo/>]

Figura 3



Fonte: Reprodução de Mídias Sociais. Capturada em 22/07/2025 na página Instagram de Franceinfo [<https://www.instagram.com/franceinfo/>]

Figura 4



IENTÍFICO:
e Literatura

Fonte: Reprodução de Mídias Sociais. Capturada em 22/07/2025 na página Instagram de Franceinfo [<https://www.instagram.com/franceinfo/>]

Como já observaram Gatti (2020) e Gatti e Brunelli (2023), o meme tem relação com algum enunciado anterior. Os autores defendem que “a cenografia ocupa um papel de relevância na produção dos efeitos de sentido de humor nos memes, enfatizando que não deixa de ser uma composição imprevisível, ainda que empregue elementos retomados” (Brunelli e Gatti, 2023, p. 71). Podemos sugerir que a emergência das anterioridades é abastecida e se prolifera via destacamento, passando a estabelecer relações com novas possibilidades de cenografia. Ou seja, a característica de gesto a um só tempo de retomada e inovação (o destacamento retoma e antecede um discurso) pode ser também visualizada no meme. Nota-se que o acontecimento produziu memes em série, cujo efeito de humor também está vinculado à repetição (Gatti, 2020).

Na figura 2, é posta em cena a intertextualidade com o famoso quadro “O Grito” de Edvard Munch, retomando a expressão de desespero (pelo flagrante?). Na figura 3, os envolvidos no caso são representados como bonecos de Lego, enquanto a figura 4 elabora uma encenação publicitária, com os textos: “Dicas para o próximo show do Coldplay: vá coberto!” e “Show do Coldplay. Trajes verão 2025” (Tradução própria). Embora se trate de texto em francês, o trecho em inglês (*Outfits Summer 2025*) representa modernidade e dinamismo característicos da linguagem publicitária. No aspecto visual, a figura apresenta um casal com vestimentas brancas, inclusive a touca que cobre todo o rosto, com exceção dos olhos. Enquanto a figura 2 recorta a cena de desespero (retomando o momento em que o casal percebe ser descoberto pela câmera), as figuras 3 e 4 retomam o abraço enamorado do casal, no instante em que são flagrados. Da mesma forma que os memes retomam o acontecimento ocorrido no show do Coldplay, a atitude corporal do casal é uma retomada da expressão de “casal enamorado/apaixonado”, caracterizados pelo gesto do abraço e semblante de sorriso (bem mimetificados na representação em Lego da figura 3). Os rostos se destacam, parte nobre do corpo, conforme defende Maingueneau (2014, 2025b). Como ressalta Maingueneau (2025b, p. 202), “é o rosto que permite a identificação de um indivíduo como distinto de outros, e ele é também a sede do pensamento e da boca, a fonte da fala”. É certo que nem todo rosto recortado tenha relação com o regime aforizante (o autor trata da complementariedade entre imagem e texto

verbal, este sim uma aforização), porém este funcionamento específico permite vislumbrar a hipótese do rosto recortado tornar-se presente como memória.

Ao abordar os memes, Recuero apresentou, com base em Goffman (1975), a ideia de que a reputação nas redes pode ser influenciada pelas ações do que as próprias pessoas comunicam sobre si, mas não só, “pois depende também das construções dos outros sobre essas ações” (Recuero, 2020, p. 109), embora a autora acredite que os sistemas que suportam a internet permitam “um maior controle das impressões que são emitidas e dadas, auxiliando na construção da reputação” (Recuero, 2020, p. 109). Em termos discursivos, podemos dizer que as ferramentas disponíveis da rede favorecem o agenciamento do ethos pelos sujeitos que delas se apropriam de forma profissional. No entanto, quando o assunto repercute de maneira negativa, o autoagenciamento do ethos escapa ao sujeito. Os memes enunciam justamente aquilo que lhes escapa. Nos termos dos profissionais de comunicação, seria possível dizer que os memes fogem à intenção da gestão comunicativa, enquanto, em termos discursivos, é mais apropriado dizer que eles revelam a potencialidade de escape inerente à própria linguagem.

Fato é que a expansão das redes sociais na internet amplificou a capacidade de difundir informações por meio de conexões existentes entre os atores e alastradas pelos chamados laços fracos. Tal capacidade alterou significativamente os fluxos de informação entre redes na web (Recuero, 2020, p. 116), expandindo-se para fora dela. Além de alterar fluxos, as redes sociais mexem com desejos, já que são constituídas por “atores sociais, com interesses, percepções, sentimentos e perspectivas” (Recuero, 2020, p. 117), o que levaria as pessoas a ponderarem “entre aquilo que alguém decide publicar na Internet e a visão de como seus amigos ou sua audiência na rede perceberá tal informação” (Recuero, 2020, p. 117). A potencialidade do destacamento, no entanto, sobrepõe-se a qualquer tipo de ponderação, motivação ou controle.

Retomando outros pesquisadores, Recuero expõe que “o estudo dos memes está diretamente relacionado com o estudo da difusão da informação e de que tipo de ideia sobrevive e é passado de pessoa a pessoa e que tipo de ideia desaparece no ostracismo” (Recuero, 2020, p. 123). Embora os tópicos de ampla divulgação na web possam representar anedóticos “15 minutos de fama”, a amplificação por meio de memes leva à “aderência” na memória discursiva, perpetuando, ao menos durante um bom tempo, e para sempre para aqueles que são seus protagonistas.

Quanto às características dos memes (Dawkins, 1979 e Blackmore, 1999 apud Recuero, 2020, p. 124 e seguintes), os memes em questão parecem ter muito das propriedades necessárias para sua sobrevivência: fidelidade das cópias, longevidade, fecundidade. Quanto à fidelidade, trazem características dos “replicadores”, ou seja, “alta fidelidade à cópia original” (p. 124), essencialmente na posição iconotextual (o abraço do casal), podendo ainda ser “miméticos”, quando “sua estrutura permanece a mesma e são facilmente referenciáveis como imitações” (p. 126). Quanto à longevidade, são “persistentes”, pois “há pouca ou nenhuma variação” (p. 127), o que justamente se relaciona aos memes replicadores ou miméticos. Quanto à fecundidade, são “epidêmicos” e com alcance global.

Por polêmico que seja o caso, sua repercussão demonstra a força propulsora do destacamento, assim como em outros temas que chegam ao conhecimento das pessoas por meio de recortes: como notícias lidas apenas por meio de suas manchetes, selecionadas por algoritmos que

conduzem os usuários de mídias como o Instagram, cuja capacidade de escolha é absolutamente alterada em relação ao antigo gesto de folhear jornais ou revistas impressas. A fragmentação não implica, necessariamente, uma leitura aforizante. Embora Maingueneau não trate do regime digital como um regime aforizante, pode-se considerar a potencialidade dessa relação.

Ou, ainda, conteúdos polarizados ganham espaços exclusivos dentro das redes-bolha. O caso do telão não é do nível da polarização, mas da anedota com potencial de chegar a públicos de todos os nichos. Pode servir de base para compreender, de forma bem representativa, os efeitos dos destacamentos, sejam editorialmente programados ou, como parece ser o caso em tema, envoltos por alguma dose de aleatoriedade.

Retomando a necessária educação para as mídias (ou *media literacy*, nos termos de autores aqui elencados), as implicações da comunicação para a sociedade contemporânea requerem o entendimento da sociedade sobre os mecanismos de enunciação que deixam marcas, rastros, registros na memória discursiva – que não coincide com a memória social ou individual, mas as atravessa. A *media literacy* implica, entre outros aspectos, assumir que não convém apenas excluir as crianças da educação digital, mantendo-as em bolhas, já que esta atitude pode ser igualmente prejudicial e até correlata ao mau uso das mídias por despreparo.

É necessário aprender a explorar o melhor dos recursos digitais, conforme defendem Restano et al. (2023). Para esses autores, sem negar os problemas e prejuízos acarretados pelo uso intenso da tecnologia (que pode levar à dependência se a vida ficar restrita a esse comportamento), é importante dialogar com crianças e jovens a partir de referências fundamentadas. Dizem os autores, “muitas vezes, somos nós, adultos, que temos dificuldade de entender esse fenômeno, por não termos vivido uma infância e adolescência digitais” (Restano et al., 2023, p. 34). Assim, antes de proibir o uso de tecnologias, inclusive com a privação de aspectos positivos como o contato com familiares e amigos fisicamente distantes (cf. p. 38) – o que representa conexão, e não dispersão –, é importante confiar nas possibilidades de interação entre a bagagem acumulada das gerações mais experientes com a conectividade das gerações mais jovens, que necessitam de apoio ético para o manuseio do mundo digital que lhes parece tão natural, embora naturalizados. No equilíbrio entre benefícios e malefícios das tecnologias digitais, os autores evocam o período da pandemia de Covid-19 que, embora tenha desorganizado limites sobre tempo de tela, supriu uma importante necessidade de comunicação e contato afetivo que não seriam possíveis em um período pré-internet (Restano et al., 2023, p. 47).

Tendo a educação digital em mente, é relevante reconhecer nos conceitos propostos por Maingueneau fundamentos para a apreensão do funcionamento da discursividade, impactada pela assunção do regime digital, que afeta a promoção de sentidos e efeitos (ou efeitos de sentido). Os enunciados escapam à consciência, mas se revelam nas cenas de enunciação, conforme moldam *ethos* discursivos. Há de se reconhecer que, em todo esse processo de construção de dispositivos, o destaque exerce um papel borbulhante, de intensificação, projeção, fazendo com que seu efeito seja tão inerente (e aderente) quanto é a inevitabilidade do interdiscurso.

No caso dos memes apresentados, propomos dizer, metaforicamente, que um texto implícito (repleto de memória, pré-construído, já ditos, retornos...) adere à imagem do casal, promovendo discursos sobre ética e moralidade possibilitados e impulsionados pela sintaxe do destaque.

Acreditamos que este seja um campo fértil de análise. Defendemos, assim, que as reflexões de Maingueneau sobre o destacamento possam trazer incremento discursivo aos estudos de redes e memes, fundamentais para a compreensão da contemporaneidade.

Quem mais ganha com o “espetáculo do destacamento”, muitas vezes associado ao espalhamento de memes, são as Big Techs. Como ressalta Maingueneau (2025a, p. 156), “uma das características do mundo atual é a globalização associada à transformação brutal e generalizada das tecnologias de comunicação”. Quando um governante causa alvoroço por suas postagens no X (antigo Twitter), ou um casal de amantes (antes desconhecido do grande público) ganha visibilidade por toda a rede interconectada, ressaltam-se as relações de poder hoje nas mãos daqueles que dominam o capital e perpetuam seu *modus operandi*, favorecidos pela gestão nebulosa de algoritmos.

5. Considerações finais

A comunicação contemporânea, pautada na potencialidade da glodigitalização (ou digitalização do mundo), não tem apenas aspectos positivos. Embora a digitalidade implique benefícios e inclusão (a exemplo da bancarização de pessoas por meio da expansão de instituições financeiras de funcionamento digital), os prejuízos parecem ser maiores para crianças e adolescentes, mas também para adultos não preparados criticamente para interagir com esses meios.

O caso analisado demonstrou que acontecimentos específicos produzem traços geradores de regras para novas paráfrases e enunciados, que também podem ser encenados na forma de memes. Pode-se concluir que algo acontece antes do meme, algo propulsor de destaque com forte potencial para ser ressaltado. Pôde-se observar, ainda, algo intrínseco a esse tipo de destaque (no caso, algo relacionado à moral) que se soma a algo circunstancial (no caso, um flagrante de câmera), sendo que uma das características se soma e se complementa à outra (o intrínseco e o circunstancial).

Assim, o meme pode ser entendido também como um destacamento potencializado, além de um material fértil para o desenvolvimento de cenografias variadas. Por ser pulsante, o destacamento reverbera e sua potencialidade faz emergir enunciações e encenações diversas, a exemplo de memes. As análises mostram, portanto, o quanto os conceitos propostos por Dominique Maingueneau estão amarrados em uma teoria discursiva consistente.

A potencialidade dos estudos discursivos deve ser incluída no projeto de educação para as mídias. A contribuição deste artigo é despertar para o potencial do destacamento como conceito, nos termos de Dominique Maingueneau, que nos levou à proposta de apreender o discurso midiático contemporâneo e suas implicações a partir de uma sintaxe do destacamento (Moraes, 2020), entendida como característica inerente à comunicação contemporânea. Além disso, as relações que o destacamento estabelece com a memória discursiva, afetada por parâmetros vinculados à informação/desinformação, engendram implicações sociais que tocam o cerne de questões das mais fundamentais para as Ciências Humanas. Entre elas, as relações entre memória e moral, pautadas em convenções sociais.

- ADOLESCÊNCIA. Direção de Philip Barantini. Reino Unido: Plan B Entertainment, 2025. Série de ficção. 3 episódios. Streaming: Netflix. Acesso em julho 2025.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: ORLANDI, E. P. e GERALDI, J. W. (Org.) **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. Campinas (SP): IEL/Unicamp, V.19, jul/dez. 1990, p.25-42. [Edição original: 1982]
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia** – De Gutenberg à Internet. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BRUNELLI, A. F.; GATTI, M. A. Meme e Cenas de Enunciação: tom debochado e cenografias variadas na série Tobias. In: BARONAS, R.L; VILELA-ARDENGHI, A.C. (Org.) **Senderos Discursivos** – uma homenagem a Dominique Maingueneau. Campinas: Ed. Pontes, 2023.
- Buckingham, D. **Manifesto pela Educação Midiática**. Tradução de José Ignacio Mendes. São Paulo: Edições SESC, 2022.
- CRARY, J. **Terra arrasada**: Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista. Tradução de H. do Amaral. São Paulo: Ubu, 2023.
- FELICE, M. di. **A Cidadania Digital**. São Paulo: Editora Paulus, 2021.
- FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos**: Estética - literatura e pintura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. P. 264-298. [Conferência originalmente apresentada em 1969].
- GATTI, M. A. Memes e o recorte cômico da pandemia de Covid-19. Estudos da Língua(gem), [S. l.], v. 18, n. 3, p. 91-105, 2020. DOI: 10.22481/el.v18i3.7947. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/estudosdalinguagem/article/view/7947>. Acesso em: 18 out. 2025.
- HAN, B-C. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução de L. Machado. Petrópolis: Vozes, 2018. Edição digital. Disponível em: https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7574251/mod_resource/content/1/No%20enxame.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.
- HAN, B-C. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Editora: Vozes Nobilis, 2024.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Versão brasileira de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2020 [1966]. P. 493-533.
- MÁ INFLUÊNCIA: O LADO SOMBRIO DOS INFLUENCERS INFANTIS. Direção de Jenna Rosher e Kief Davidson. Estados Unidos: Decoy Production, 2025. Série documental. 3 episódios. Streaming: Netflix. Acesso em julho 2025. [Bad Influence: the dark side of kidfluencing]
- MAINGUENEAU, Dominique. “Uma fratura discursiva preocupante”. Tradução de Gabriel Moreira Peixoto. In: MAINGUENEAU, Dominique. **As margens do discurso**. Organização de Nelson Barros da Costa; Maria das Dores Mendes, José Wesley Matos. São Paulo: Editora Contexto, 2025a. P. 155-171.
- MAINGUENEAU, D. “Slogans e candidatos em cartazes”. Tradução de Nelson Barros da Costa. In: MAINGUENEAU, Dominique. **As margens do discurso**. Organização de Nelson Barros da Costa; Maria das Dores Mendes, José Wesley Matos. São Paulo: Editora Contexto, 2025b. P. 197-217.
- MAINGUENEAU, D. **As margens do discurso**. Organização de Nelson Barros da Costa; Maria das Dores Mendes, José Wesley Matos. São Paulo: Editora Contexto, 2025.

MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. Tradução de Sírio Possenti et alii. São Paulo: Parábola, 2014, 200p. *Linguística e Literatura*

MAINGUENEAU, Dominique. “Aforização – enunciados sem texto?” In: MAINGUENEAU, D. **Doze Conceitos em Análise do Discurso**. Tradução de Ana Raquel Motta. São Paulo: Parábola, 2010, p.9-24.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da Enunciação**. Organizado por S. Possenti e M. C. Pérez de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar Edições, 2006, 182 p.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005, 190p.

MORAES, Érika de. A sintaxe do destacamento como elemento discursivo da contemporaneidade. **Estudos Linguísticos** (SÃO PAULO. 1978), v. 49, p. 1551-1568, dez. 2020.

MORAES, Érika de. O jornalismo on-line sob o viés discursivo - o novo e o já dado. In: Brunelli, A. F.; Gobbi, M.C.; Gonzales, L. S.; Rebechi Jr, A. ; Maciel, S.; Napolitano, C.J; Simis, A. (Org.). **Comunicação, Cultura e Linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 41-58.

MUSSALIM, F. A dimensão discursiva da cognição ou a dimensão cognitiva do discurso. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 60 n.2, 2018, p. 400-413.

PAVEAU, M-A. **Análise do Discurso Digital**: dicionário das formas e das práticas. Org. de J.L. Costa e R.L. Baronas. Campinas: Editora Pontes, 2021.

PAVEAU, M-A. **Os Pré-discursos**. Sentido, Memória, Cognição. Trad. De G. Costa e D. Massmann. Campinas: Editora Pontes, 2013.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, P. e outros. **Papel da Memória**. Campinas: Editora Pontes, [1983] 1999, pp.49-57.

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de E.P. Orlandi, L.C. J. Filho, M.L.G. Corrêa e S. M. Serrani, 3 ed., Campinas: Editora da Unicamp, [1975] 1997, pp. 293-307.

POSSENTI, Sírio. Apresentação. In: MAINGUENEAU, D. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014, p. 7-8.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2020 [2009] Coleção cibercultura.

RESTANO, Aline. BUENO, Bernardo. SPRITZER, Daniel. POTTER, Juliana. MOREIRA, Laura. **Crianças bem conectadas**. Como o uso consciente da tecnologia pode se tornar um aliado da família e da escola. São Paulo: Maquinaria Editorial (mqnr), 2023.

ROMANCINI, R.; LAGO, C. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SALGADO, L. S. A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais. In: Abreu-Tardelli, L. S.; Garcia, T. S. e Ferreira, A. A. G. O. (Org.), **Pesquisas em Linguagem**: Diálogos com a contemporaneidade. Pontes Editores, 2021.

SIBILIA, P., & Galindo, M. A. Correndo para não perder nada: Temporalidade ansiosa e a frustração do (i)limitado. Civitas: **Revista De Ciências Sociais**, 21(2), 2021, p. 203–213. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.2.39950>

SODRÉ, N. W. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. (Série Retratos do Brasil; v. 51).

TRINDADE, A. C. **Democratização da Comunicação e Media Literacy: Entidades, regulações e experiências.** 2025. 241f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2025.

VALÉRIO, P. da S. e MILANO, L. E. Quando repetir é enunciar: questões sobre linguagem e memória. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 61, 2019, p. 1-15, e019018.

WOLF, M. **O cérebro no mundo digital** – os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo, Editora Contexto, 2019, 252p.